

“Apesar de você”: memória, sentido e resistência

“Despite you”: memory, meaning and endurance

Gabriela Costa Moura¹

Maria Virgínia Borges Amaral²

Sóstenes Ericson Vicente da Silva³

Resumo

“Apesar de você” (1970) é uma canção buarqueana que se atualiza na memória discursiva da última eleição presidencial brasileira. A música simbolicamente situa-se na dimensão da resistência ao discurso conservador, fazendo alusão ao período ditatorial. O objetivo deste trabalho é analisar o engajamento político das canções de Chico Buarque no período da ditadura civil-militar no Brasil. Para tanto, utiliza-se uma sequência discursiva para análise à luz dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de filiação pecheuxiana. O pronome “você” catalisa possibilidades de sentidos, podendo se referir ao presidente Médici, ao próprio regime ditatorial, ou a uma mulher “que manda e desmanda”. “Apesar de você” ressurgiu de 1970 como música de protesto e resistência para marcar um momento histórico de luta, de recusa ao autoritarismo, produzindo eco em determinadas cenas da atualidade como a situação política no Brasil de 2018. A revivência da música na atualidade possibilita resgatar o que o velho Marx já apontava desde 1852: “pegar emprestado” um grito de guerra e atualizar um passado.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Chico Buarque. Memória Discursiva. Resistência

Abstract

“Despite you” (1970) is a song by Chico Buarque which has gotten updated in the discursive memory of the last Brazilian presidential election. The song is located in the dimension of endurance against the conservative discourse, alluding to the military dictatorship. The goal of this work is to analyze the political commitment of Buarque’s songs during the civil-military dictatorship in Brazil. Therefore, it will be used a discursive series, analyzed according to the theoretical assumptions of Michel Pêcheux’s Speech Analysis. The pronoun “you” catalyzes many possibilities of meaning, it could be about the president Médici, dictatorship itself, or even about a “bossy” woman. “Despite you” rises from 1970 as a protest and endurance to make a mark in a historical moment of fight and refusal to authoritarianism, producing echo in certain scenes of the present such as the Brazilian political situation in 2018. The revival of this song today enables to rescue what old Marx had already pointed out since 1852: “to borrow” a war cry and to update a past.

Keywords: Speech Analysis. Chico Buarque. Discursive Memory. Endurance

Recebido em: 31/03/2020.

Aceito em: 11/11/2020.

¹ Docente no Centro Universitário Tiradentes (UNIT). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL – UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2044-5712>.

² Docente no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL – UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6112-984X>.

³ Docente no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL – UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0905-1376>.

Introdução

A canção de Chico Buarque “Apesar de você” lançada em 1970 (HOMEM, 2009) atualizou-se na memória discursiva da eleição presidencial brasileira de 2018. A letra da música foi resgatada simbolicamente, enquanto a melodia permanece na memória coletiva⁴, na campanha do candidato à presidência Fernando Haddad pelo Partido dos Trabalhadores (PT) para expressar resistência ao discurso conservador⁵ do candidato Jair Bolsonaro (PSL). Um vídeo ganhou repercussão entre os internautas nas mídias sociais: “Apesar de você” cantada por Chico Buarque, Fernando Haddad, a candidata a vice Manuela D’Ávila e outros artistas que estavam presentes em uma reunião pós ato político na cidade do Rio de Janeiro, que foi símbolo de um embate antigo e, ao mesmo tempo, “uma luta que um dia iria ocorrer” (SAFATLE, 2018, 23).

É interessante observar que esse acontecimento evoca o papel da memória que, no entendimento de Pêcheux (2015), preconiza considerar as condições nas quais um acontecimento histórico pode se inscrever na esfera de potência da configuração de uma memória. Neste âmbito, o autor destaca que não se trata de um sentido “psicologista” de memória que leva ao individual, mas às variadas possibilidades de elementos que se relacionam da memória social, mítica e da memória construída de quem tece a história. “[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem estabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) [...]” (PÊCHEUX, 2015, p. 46).

Nas pesquisas que temos realizado vimos, em várias ocorrências, acontecimentos evocando a memória coletiva e, com isto, produzindo sentidos que fortalecem discursos político-ideológicos em confronto nas lutas sociais pelo poder. No caso específico deste estudo, pôde-se identificar como as canções de Chico Buarque, produzidas no período da ditadura civil-militar no Brasil, são acionadas para responder ao movimento da política brasileira da atualidade. É mister ressaltar que o arsenal teórico que fundamenta essa análise ancora-se na Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), a partir das formulações teóricas de Michel Pêcheux. Nessa linha, prioriza-se o tema da história, do sujeito e da ideologia como condições para a constituição dos processos discursivos (PÊCHEUX, 2014). A partir dessa tríade sujeito-história-ideologia a AD busca investigar o(s) sentido(s) no contexto da palavra, na historicidade e no papel do sujeito nesse processo a partir do discurso.

A Análise do Discurso (AD) tem um engajamento político: é uma prática teórico-metodológica de cunho ético, político e de responsabilidade, na qual se faz ciência e política ao mesmo tempo (SILVA SOBRINHO, 2014, p. 38). “[...] Pêcheux pensa politicamente. O político – e mesmo a política – não lhe vem por acréscimo. É constitutivo de seu pensamento” (ORLANDI, 2015, p. 11). Em seu percurso e construção a AD se posiciona no lugar de resistência à lógica do capital, conforme escreve Pêcheux:

[...] não há dominação sem resistência: primado prático da luta de classes,

⁴ Segundo Le Goff (1990, p. 473), Pierre Nora nota que a memória coletiva, definida como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”. É esse efeito que interessa a este estudo quando se trata de memória coletiva.

⁵ Por ser a expressão da ideologia conservadora. As ideias conservadoras do século XVIII, defendidas, entre outros, por Edmund Burke, sustentam o pensamento predominante do conservadorismo atualmente. Elas foram reforçadas e ressignificadas por muitos “ideólogos” que argumentaram e deram margem ao fortalecimento do liberalismo e seus princípios fundamentais como o do *utilitarismo*, construindo as bases para o conservadorismo moderno (AMARAL & HAURADOU, 2019).

que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’. Ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’ (PÊCHEUX, 2014, p. 281).

Desta maneira, a partir de Pêcheux (2014), este estudo ganha corpo em sua elaboração, já que Chico Buarque “ousou pensar por si mesmo”, quando canta sobre as mulheres, e quando canta a resistência política, durante o período da ditadura no Brasil.

Chico Buarque

A nova geração de compositores da Música Popular Brasileira (MPB) foi apresentada ao país quando Kubitschek saía do governo (1956-1961). Nesta época, Chico Buarque era um adolescente, sendo sua atração pela literatura anterior ao gosto pela música (HOMEM, 2009).

Filho de Sérgio Buarque de Holanda e Maria Amélia Cesário Alvim, nasceu no Rio de Janeiro em 19 de junho de 1944, sendo o quarto dos sete filhos do casal. Morou em São Paulo e na Itália, ocasião em que seu pai Sérgio lecionava na Universidade de Roma como historiador (HOMEM, 2009).

Foi fortemente influenciado pela bossa nova no início de sua carreira. Em 1959, lançou uma de suas primeiras músicas “Canção nos olhos” que, segundo o próprio compositor, em uma entrevista ao Museu da Imagem e do Som em 1966, “[...] era uma cópia deslavada do estilo de João Gilberto” (HOMEM, 2009, p. 12). Em uma fase inicial, as músicas da bossa nova eram compostas de letras intimistas – o mar, o amor, o luar – retratando de alguma maneira o cenário da zona sul. No início dos anos 1960, as composições passam a tomar forma de uma política engajada, no seio dos movimentos universitários, passando a acompanhar a evolução do sistema político brasileiro, abraçando um lugar de fala mais popular. Foi durante os anos do regime militar que arte e política andaram juntas, desempenhando um período de politização explícita (CAVALCANTI, 2012).

Para tratar do caráter sensível da arte, Ferreira (2019) destaca a visão do filósofo marxista Jacques Rancière, que lança mão de uma defesa da visão questionadora da arte. Neste viés, não é possível distanciar a relação entre arte *versus* política, já que a arte em si mesma possui uma vertente política ao questionar a realidade, ao mesmo tempo em que abarca a sensibilidade da linguagem transformadora em sua propensão inerente à sua essência. A arte fornece elementos para a ação política. O caráter sensível da arte transmuta o campo do Real ao passo que, segundo a psicanálise lacaniana, designa a Coisa, *Das Ding*⁶, como o fora-do-significado, como o impossível de ser representado. Para Lacan (1959-60/2008), a arte estaria elevada à categoria da Coisa. “A arte é tanto a forma material da ordem significante, como o modo pelo qual o sujeito expressa suas emoções, revoltas, história, cultura” (FERREIRA, 2019, p. 24).

Wagner Homem escreve que Chico Buarque ingressa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1963, cenário politicamente instável com o

⁶ Das Ding refere-se à Coisa perdida, ao que não tem representação, ao objeto. LACAN, J. O Seminário Livro 7 – A Ética da Psicanálise – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

governo de Jango que assumiu com poderes reduzidos, “[...] num improvisado regime parlamentarista” (HOMEM, 2009, p. 13), instaurado de 1961 até 1963, com a restauração do presidencialismo por um plebiscito. Na mesma época, tem-se a Revolução Cubana e a crise dos mísseis soviéticos. “O golpe de 1964 jogou um balde de água fria na efervescência política que ele vivia no ambiente universitário, ainda que de forma discreta” (*Op. cit.*).

O trabalho de Chico Buarque de Hollanda é considerado como irreverente e autoral, convocando pesquisadores da análise do discurso e também de outros campos a se debruçarem sobre sua obra. O percurso inicial de sua carreira foi permeado pelas condições de produção da época, consequência do golpe civil-militar de 1964, momento em que é possível observar um silenciamento de algumas vertentes ideológicas. No contexto da ditadura, a letra buarqueana era uma forma de composição específica: dizer algo para (não) dizer outro (VASCONCELOS, 2014).

Condições de produção - Ditadura civil-militar brasileira

Para entendimento da história da produção da canção “Apesar de você”, torna-se relevante abordar as condições de produção da época e delimitar a memória e o interdiscurso: elementos que fornecem a constituição de um enunciado. De 1964 a 1985 o Brasil viveu um período histórico-político marcado pelo autoritarismo do regime civil-militar, instaurado a partir do golpe que destituiu o presidente João Goulart nos anos 1960.

Nesse período, o Brasil apresentava uma grave crise econômica e atuação de movimentos estudantis, operários e camponeses. O efeito do conflito entre os moldes da expansão capitalista e o esgotamento da política nacional populista rendeu o golpe como um resultado, alicerçado no discurso da defesa da ordem e das instituições contra o comunismo no Brasil. É nesse momento que a censura e a repressão atuam simbolicamente à mercê de um “possível” controle do discurso, limitando toda e qualquer liberdade dos sujeitos (SOUZA, 2016). A ordem era o controle social e a manipulação a partir do aparelho repressivo.

O golpe de Estado teve como objetivo o afastamento do então Presidente da República João Goulart, seguido da posse do Marechal Castelo Branco. O período entre 1964 e 1985 promoveu uma reformulação política no país e instaurou uma forte censura à imprensa, perseguições a figuras contrárias ao regime recém-estabelecido, assim como restrição de direitos políticos (ROCHA; REMENCHE, 2018, p. 572).

O patriotismo foi um recurso muito utilizado naquele tempo histórico (e não é utilizado hoje pelo discurso conservador?). Os Atos Institucionais foram instaurados e validados, delegando poderes aos militares, como alterações na Constituição Brasileira, realização de eleições indiretas e anulação de direitos políticos (ROCHA; REMENCHE, 2018).

Dentro do registro deste período sombrio, a tortura compõe um dos cenários mais fortes: crimes, agressões, violências, punições a todos aqueles que eram considerados “inimigos da pátria”, que iam de encontro ao designado pelo governo, um “perigo à integridade da nação”.

Embora haja inúmeros registros e documentos que evidenciam esses fatos e, conseqüentemente, denunciam e contribuem para manter viva a memória sobre os crimes de tortura cometidos durante o governo militar, ocorrem também iniciativas que visam à desmistificação do regime militar e apagamentos históricos (ROCHA e REMENCHE, 2018, p. 573).

Um exemplo desta tentativa ou estratégia de apagamento foi o livro “Brasil, sempre”, publicado em 1986 pelo sargento Marco Pollo Giordani. Esta obra trouxe contestações sobre as denúncias de abusos cometidos pelas Forças Armadas durante a ditadura no Brasil. O autor do livro é um defensor do regime ditatorial, pois entende que é o único meio para a consolidação política e econômica.

Após o processo de *impeachment* da presidenta Dilma “[...] uma parcela considerável da população passou a defender a intervenção militar como uma iniciativa de combate à corrupção e resgate dos valores e da moral da nação”, com o apoio e incentivo da direita (ROCHA; REMENCHE, 2018, p. 574). Ganha fôlego o discurso de que a corrupção e os altos índices de violência serão drasticamente eliminados a partir da intervenção militar, com o resgate dos valores morais e costumes considerados padrões a serem aceitos.

O período histórico do regime da ditadura civil-militar é cheio de controvérsias e polêmicas, já que abre o leque de grupos daqueles que defendem o regime militar e daqueles que repudiam este modo de fazer política com argumentos históricos. O antagonismo compõe esse cenário não tão distante e também o atual, resgate da memória discursiva, que se presta à leitura cuidadosa dos elementos que estão postos em jogo.

Cantar a resistência

No sentido que se pretende estabilizado, resistir significaria “1 Opor força ou resistência a; oferecer resistência a. 2 Não ceder, não se dobrar; defender-se. 3 Conservar-se, durar, subsistir. 4 Negar-se, recusar-se. 5 Sofrer, suportar” (MICHAELIS, 2000, p. 516). Nos dias atuais, a palavra “resistir” circula sentidos entre jovens estudantes dos movimentos sociais que, desde 2015, têm firmado simbolicamente uma frente de luta bastante particular: “*Ocupar e resistir*”. Para Freud (1912/2017), a resistência é um fenômeno inerente à operação transferencial no processo de análise. Como Pêcheux (2014) assinala, a resistência é inerente ao movimento de dominação. É própria da estrutura da linguagem, constituída pela falta inerente à lógica neurótica. A resistência de hoje remete à resistência no passado, de modo que a canção “Apesar de você” se fez e também se faz presente nos atos e protestos de natureza popular na atualidade.

Não é à toa que a música embalou momentos da campanha eleitoral de Fernando Haddad à presidência da República. “Apesar de você” carrega sentidos e elementos da memória discursiva, que retrata o engajamento político letrado em sua constituição.

Para Paulse (2009), Chico cantou a resistência. Nesse sentido, a composição “Apesar de você” é considerada uma música de protesto (HOMEM, 2009; CALAZANS, 2012). Protesto contra o que? Contra a censura, contra a ditadura civil-militar, época de prisões e exílios de seus colegas Caetano Veloso e Gilberto Gil em Londres, às denúncias de torturas a presos políticos. A propósito, na esfera atual, o Brasil teve recentemente um preso político, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Não por acaso a canção “Apesar

de você” se atualiza neste momento atual brasileiro.

A música de protesto surge em 1964 (ano em que o golpe se instalou), no Teatro de Arena, com a primeira manifestação de protesto dos artistas nacionais ao regime civil-militar. O “Show de opinião” mesclava música, poesia e teatro, além de compor o teor de denúncia por parte dos artistas sobre a miséria e a injustiça social. “Sob a interpretação de Maria Bethânia, surgia assim em meados de 1964, a canção de protesto, que anos seguintes à ditadura, se constituiria em uma das principais formas de resistência ao regime militar” (MAIA; STANKIEWICZ, 2015, s/p).

Chico voltara da Itália, onde morou durante alguns anos. O diretor de uma gravadora havia comentado com Chico que as coisas no Brasil estavam melhorando, e ele resolveu retornar ao país mesmo sem saber para quem havia melhorado. “Vinicius aconselhou que o fizesse ‘com barulho’. E assim foi feito. Em 20 de março de 1970, Chico, Marieta e Silvia chegaram ao Aeroporto do Galeão, sendo recebidos por amigos, fãs [...]” (HOMEM, 2009, p. 83).

Rapidamente, com sua volta ao Brasil, foi fácil perceber que as coisas não haviam melhorado (HOMEM, 2009). A censura era uma obrigação e as gravadoras tinham de submeter previamente as letras das canções antes de sua circulação. A resposta de Chico foi a canção “Apesar de você” que, incrivelmente, passou pelo crivo da censura, chegando a vender mais 100 mil compactos em uma semana. O próprio Chico Buarque a considerava uma música de protesto.

Chico acabara de mostrar a nova composição para Vinicius, e, prevendo atritos com a censura, resolveu consultar o amigo Manuel Barenbein. O experiente produtor ponderou que só haveria problemas se os censores percebessem segundas intenções. E, de fato, num primeiro momento, não houve. Para surpresa geral, a letra foi liberada (HOMEM, 2009, p. 86).

Foi publicada uma nota em um jornal do Rio de Janeiro, mencionando que na música buarqueana o “você” se referia ao presidente Médici e Chico, rapidamente, utilizou-se do cinismo, afirmando que se tratava de uma mulher, entretanto não foi possível deter a censura. As cópias foram recolhidas das lojas, o estoque foi destruído na fábrica e a execução da canção foi proibida nas rádios (HOMEM, 2009).

“A música conta a história de um povo” (CALAZANS, 2012, p. 16). Segundo a autora, a música engajada fornece elementos e informações sobre uma época histórica, além de propagar um discurso estratégico para burlar a censura. Mas, o que a censura queria silenciar? Quais são os sentidos do silêncio?

Conforme Orlandi (2007, p. 13), a censura é “[...] um fato produzido na história”. A noção de censura deve ser pensada a partir da noção de silêncio, considerando que qualquer processo de silenciamento demonstra censura no movimento de limitar o sujeito na busca de sentidos. No entanto, o ato de censurar não tem sucesso, pois o sentido não para, ele busca um desvio e altera seu percurso, demonstrando o quanto o silêncio é composto por uma força que “[...] faz significar em outros lugares o que não vinga em um lugar determinado” (*Op. cit.*). Desse modo, por mais que uma obra seja censurada e, portanto, silenciada, é neste lugar de silêncio que a significação encontra repouso, um lugar para que o sentido possa nascer.

Assim, os sentidos nascem, múltiplos, diversos, ricos em composições e articulações. A partir de gestos de leitura possíveis, tendo em conta de que não há nada estabilizado na linguagem, toma-se a canção buarqueana para análise:

SD1 – “Apesar de você”

Amanhã há de ser outro dia

Segundo Amaral (2002), as aspas são marcas linguísticas que indicam a relação com o outro no domínio da memória do discurso. Elas indicam o outro no dizer, contribuem para a produção de sentidos e delimitam uma via de resposta aos interesses de quem “fala”, em relação ao seu destinatário do discurso. Assim, estabelece uma relação de forma a situar o lugar discursivo de onde se fala. “Ao utilizar as aspas, o locutor realiza uma representação do seu leitor e lhes oferece indicadores da posição-locutor que assume no discurso” (AMARAL, 2002, p. 158).

“Apesar de você” suscita a consciência política da repressão e censura, dos aspectos sociais e históricos da época, tempo de rigidez e tortura, ao passo em que país vivia o fenômeno “o milagre brasileiro”, bem como de uma euforia, por conta da vitória da seleção brasileira de futebol. “Apesar de você” possibilitou o sentido da indicação que esse tempo mórbido irá passar, e outro tempo estará por vir, “outro dia”, irá brilhar e outras lutas serão retomadas; a vida renascerá (SOUZA, 2016).

O sujeito enunciador utiliza recursos linguísticos para contextualizar o período histórico e, ao mesmo tempo, driblar os censores ao falar o que não era permitido na época. Utiliza uma linguagem metafórica e diversas estratégias discursivas para tentar esclarecer e alertar o povo sobre a situação a qual se submetia o país (SOUZA, 2016, p. 70).

Cabe situar que há na canção um duplo sentido, como uma história de amor e sofrimento, e de que a pessoa apaixonada sairá dessa situação, pois haverá um novo dia. Na história de amor, “você” poderia ser tido como uma mulher autoritária e controladora. O pronome “você” catalisa, desse modo, possibilidades de sentidos, podendo se referir ao presidente Médici, ao próprio regime ditatorial, ou a uma mulher “que manda e desmanda”.

Tudo ia bem, até que uma notinha publicada num jornal do Rio de Janeiro insinuou que o ‘você’ era na verdade o presidente Médici. Chico já preparado, disse cinicamente que se tratava de uma mulher muito mandona (HOMEM, 2009, p. 62).

Em “Apesar de você”, o discurso engajado da música de protesto de 1970 faz eco em determinados momentos históricos como a situação política no Brasil de 2018. Assim, entende-se que o discurso é permeado por determinações e o sentido não é literal nem transparente; ao contrário, é opaco e não óbvio, como aponta Pêcheux (2014). Como materialização das formações ideológicas, o discurso é sempre “[...] produzido em um determinado momento histórico-social; responde às necessidades postas nas relações entre os homens para a produção e reprodução de sua existência em sociedade” (AMARAL, 2016, p. 33).

O momento histórico-social, ao qual a canção remete, guarda relação com a análise de Marx em 1852 quando escreveu “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”, tratando sobre um golpe de Estado, para o semanário político em Nova York, a convite de seu amigo, Joseph

Weydemeyer, que depois se tornou uma publicação mensal, *Die Revolution*.

Na referida obra, Marx afirma que “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1852/2008, p. 19). O revolucionário Marx alavanca a possibilidade de pensar que, nos períodos de crise, os homens tomam “emprestado” os gritos de guerra e as roupagens, de forma a atualizar um passado. Ainda de acordo com Marx, esta atualização tem o objetivo de fortalecer novas lutas, tornando grande a tarefa de cumprir com o espírito da revolução.

Partindo dos acontecimentos na França que levaram ao golpe de Estado, Marx (1852/2008) enfatiza que:

Durante as jornadas de junho todas as classes e partidos se haviam congregado no *partido da ordem*, contra a classe proletária, considerada como o *partido da anarquia*, do socialismo, do comunismo. Tinham “salvado” a sociedade dos “inimigos da sociedade”. Tinham dado como senhas a seu exército as palavras de ordem da velha sociedade – “propriedade, família, religião, ordem” – e proclamado aos cruzados da contra-revolução: “Sob este signo vencerás!” A partir desse instante, tão logo um dos numerosos partidos que se haviam congregado sob esse signo contra os insurretos de junho tenta assenhorear-se do campo de batalhas revolucionário em seu próprio interesse de classe, sucumbe ante o grito: “Propriedade, família, religião, ordem”. A sociedade é salva tantas vezes quantas se contrai o círculo de seus dominadores e um interesse mais exclusivo se impõe ao mais amplo. Toda reivindicação, ainda que da mais elementar reforma financeira burguesa do liberalismo mais corriqueiro, do republicanismo mais formal, da democracia mais superficial, é simultaneamente castigada como um ‘atentado à sociedade’ e estigmatizada como “socialismo” (MARX, 1852/2008, p. 28, grifos do autor).

Não é atualíssima essa passagem de Marx se se situa à época em que foi lançada a canção “Apesar de você”? A revivescência da música na atualidade não seria também resgatar o que o velho Marx já apontava desde 1852? “Pegar emprestado” um grito de guerra e atualizar um passado?

Marx (1852/2008, p. 27) oferece elementos para pensar sobre o movimento exposto, no qual a república burguesa sinalizava o “[...] despotismo ilimitado de uma classe sobre as outras”. O proletariado de Paris respondeu à declaração da Assembleia Nacional Constituinte com a Insurreição de Junho, na qual a burguesia conseguiu seu triunfo, pois tinha aliados como a classe média, o exército, o clero, a aristocracia financeira. “Do lado proletariado de Paris não havia senão ele próprio” (MARX, 1852/2008, p. 26). O massacre inicia-se e milhares de pessoas foram deportadas. A derrota, então, faz com que o proletariado se posicione “para o fundo da cena revolucionária” (*Op. cit.*), na tentativa de readquirir força nos momentos em que algo parece ganhar novamente força, nas oportunidades e situações que se apresentam, mesmo demonstrando um resultado sem muito destaque.

A leitura com Marx (1852/2008) oferece indicadores para pensar como o discurso é uma mediação, uma particularidade no acontecimento (PÊCHEUX, 1983/2015). A atualidade da obra “*O 18 Brumário de Luís Bonaparte*” legitima a importância de seu legado para a compreensão dos fenômenos linguísticos, sociais e econômicos.

“Apesar de você, amanhã há de ser novo dia” ressurge de 1970 como música de protesto e resistência para marcar um momento histórico de luta, de recusa ao autoritarismo e de não dobrar-se ao discurso fascista que circula e que foi autorizado pelo voto da maioria do povo brasileiro. “Amanhã há de ser um novo dia”, pois a oposição tornou-se mais forte e unida, movida pela insistência em defender-se da violência escancarada do governo atual.

Considerações Finais

A análise permitiu delimitar que a canção “Apesar de você” pode ser pensada como um acontecimento, na medida em que retoma a memória discursiva de um tempo histórico que tem a luta e a resistência como chaves para o protesto. Assim, com Pêcheux (2015), entende-se o discurso enquanto aquele que transita, circula entre estrutura e acontecimento, onde não é possível delimitar completamente suas variações semânticas. O acontecimento discursivo instaura-se no ponto de convergência entre uma atualidade e uma memória, não produzindo repetição, mas uma possibilidade de ressignificação. Nesta medida, outros significados podem surgir com relação à memória discursiva, provocando novas leituras dos acontecimentos.

“Apesar de você” faz eco de um discurso engajado, próprio das músicas de protesto, num momento em que o silenciamento procurou limitar o sujeito na busca de sentidos. Porém, a censura não é infalível: os significados e sentidos surgem em outros lugares em que uma força motriz trabalha e altera o percurso de um lugar determinado para fazer operar em outro antes não pensado.

Neste cenário, a resistência enquanto efeito de contraposição ao movimento de dominação, compõe o *dna* da canção de 1970, atualizada em 2018, como uma arte que se presta a novas interpretações, ressignificações e processos de elaboração de uma memória ativa, capaz de capturar e resgatar o embate antigo já tratado por Marx no “*18 Brumário*”. Pensando com Marx (1852/2008), a música “Apesar de você” alavanca uma atualização do passado, próprio das obras de arte, de modo a configurar o fortalecimento de novas lutas, de novas possibilidades de significar o passado, delimitando o que a atualidade convoca no acontecimento.

“Apesar de você” produz memória? O que é produzir memória? Pêcheux (2015) afirma que a memória traz uma questão importante se pensada como aquela que estrutura uma materialidade discursiva em sua complexidade. O acontecimento discursivo pode perturbar a memória na medida em que provoca uma interrupção no percurso programado da repetição ou “regularização”. Se a memória pode ser pensada como um “espaço móvel” (PÊCHEUX, 2015p. 50) de deslocamentos, de retomadas, de disjunções, conflitos e polêmicas, a canção “Apesar de você” movimenta-se nesse campo de desdobramentos possíveis e em construção, prestando-se a ser lida na atualidade em sua composição histórica convocante.

Referências

AMARAL, M. V. B. Abram aspas! O outro quer falar. *In: ZOZZOLI, R. M. D. (org) Ler e produzir: discurso, texto e formação do sujeito leitor/autor.* Maceió – Edufal, 2002, pp. 149 – 165.

AMARAL, M. V. B. **Discurso e relações de trabalho.** 2. ed. Maceió: EDUFAL, 2016.

AMARAL, M. V. B. & HAURADOU, G. R. A Reiteração do conservadorismo e as possibilidades de enfrentamento no Serviço Social. *In: Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, v. 16 n. 1 (2018). Disponível em [http://www.periodicos.ufes.br/?journal=abepss&page=article&op=view&path\[\]=26252](http://www.periodicos.ufes.br/?journal=abepss&page=article&op=view&path[]=26252). Acesso em: 15 nov. 2019.

CALAZANS, J. H. C. **A formação de um gênero engajado:** espaço, sujeito e ideologia na música de protesto. Tese de Doutorado, UFPE. Recife: O autor, 2012. 314 f.

CAVALCANTI, L. M. D. Música popular brasileira, política e utopia em Chico Buarque. **Recorte**, ano 9, n. 2, 2012.

FERREIRA, M. C. L. O mal-estar do sujeito contemporâneo: político, cultura e arte. *In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SOBRINHO, H. F. S. (orgs) Sujeito, sentido resistência: entre a arte e o digital.* Campinas: Pontes Editores, 2019, pp. 19 – 35.

FREUD, S. Sobre a dinâmica da transferência (1912). *In: FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica.* 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, pp. 107 – 120. (Obras Incompletas de Sigmund Freud)

HOMEM, W. **Histórias de canções:** Chico Buarque. São Paulo: Leya, 2009.

LACAN, J. **O Seminário, livro 7:** a ética da psicanálise, 1959-1960/texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LE GOFF, J. **História e memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MAIA, A. V.; STANKIEWICZ, M. R. **A música popular brasileira e a ditadura militar:** vozes de coragem como manifestações de enfrentamento aos instrumentos de repressão. Repositório da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Campus Pato Branco – PR, 2015.

MARX, K. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte.** 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

MICHAELIS. **Minidicionário escolar da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. Ler Michel Pêcheux hoje. *In: PÊCHEUX, M. Análise de discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi.* 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015, pp. 11 – 20.

PAULSE, C. G. **Cantando a resistência, construindo identidade**: análise das canções de Chico Buarque. III Semana de Pesquisa em Artes, UERJ, 2009.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. [et al] **Papel da memória**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015, pp. 43 – 51.

ROCHA, J. E.; M. L. R. REMENCHE. Ditadura militar e memória discursiva: uma análise a partir do gênero *meme*. **Revista de Divulgação Científica da Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, ano 14, n. 23, 2º semestre, 2018, pp. 570 – 585.

SAFATLE, V. **Um dia, esta luta iria ocorrer**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

SILVA SOBRINHO, H. F. O analista de discurso e a práxis sócio-histórica: um gesto de interpretação materialista e dialético. **Conexão Letras**. Volume 9, n. 12, 2014.

SOUZA, M. A. **Vozes que calam, versos que falam**: interdiscurso, memória discursiva e relações de poder em Chico Buarque de Holanda. Pau dos Ferros – RN, 2016.

VASCONCELOS, G. T. S. A. **Uma análise discursiva das mulheres de/em Chico Buarque**. Dissertação de Mestrado, UNICAP, 2014. 89 f.